

As classes estão lotadas

Laboratório revoluciona escola em Campinas

No Instituto de Química da Unicamp, onde trabalha como técnica de nível superior, a professora Cláudia Martelli ficou conhecida pelo “trabalho heróico” que realiza na Escola Estadual Professor Norberto de Souza Pinto, no bairro

1.700 alunos do ensino fundamental, médio e do curso supletivo.

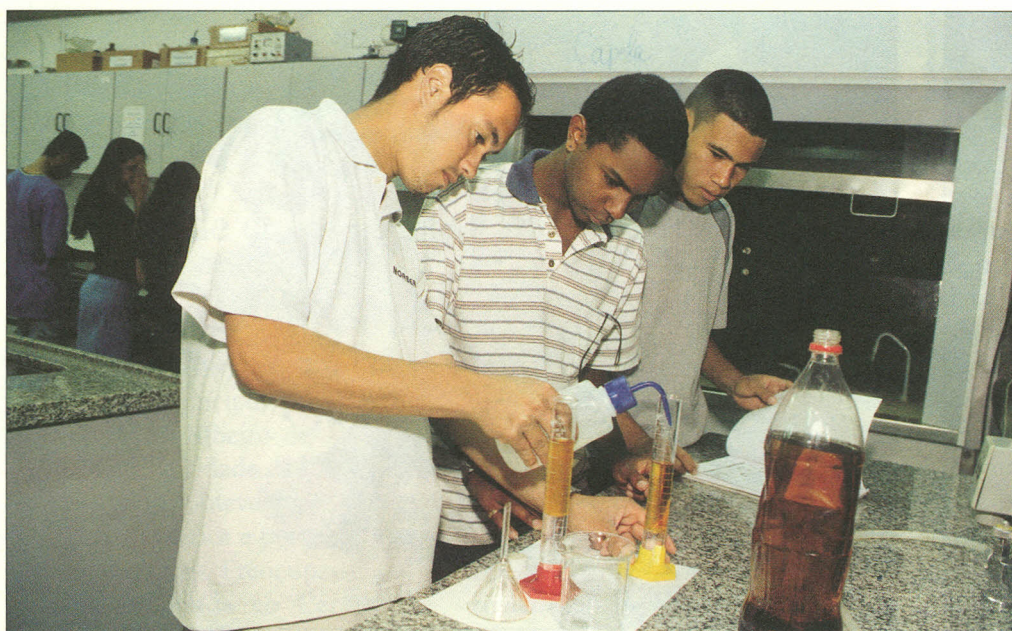
Os resultados logo surgiram. Pesquisa mostrou que as aulas no laboratório contribuíram para diminuir a evasão escolar de 30% para 5% na Norberto de Souza Pinto. Alunos fizeram abaixo-assi-

para funções técnicas”, afirma Cláudia. Por exemplo: noções de medição e preparo de soluções foram suficientes para que uma das alunas, funcionária de uma indústria de bolachas, conseguisse promoção, assumindo o comando do controle de qualidade.

Não é difícil compreender o avanço que o laboratório propiciou à aprendizagem. Antes de ser implantado, a escola não tinha nem pia adequada aos experimentos. Agora, compara a coordenadora Maria Izabel, tem a estrutura semelhante à do laboratório de química geral do primeiro ano de graduação da Uni-

camp. O ambiente é composto de duas bancadas centrais e duas laterais. Entre os principais equipamentos estão um microscópio óptico com câmera de vídeo acoplada e um computador multimídia. Kits de física e biologia permitem a realização de aulas práticas também dessas disciplinas.

Antes da chegada do novo laboratório, a professora já procurava movimentar as aulas de química. Aplicava a criatividade para driblar a escassez de recursos e animar os alunos que, cansados do trabalho, frequentemente dormiam nas classes no-



EDUARDO CESAR

Quase não há evasão escolar: isto basta para mostrar o interesse dos alunos

Jardim Novo Campos Elísios, na periferia de Campinas. “Vivia atrás de vidrarias sem uso e sobras de material para usar com os alunos do curso supletivo”, conta a pesquisadora Maria Izabel Maretti Silveira Bueno, da Unicamp. “Assim que ficou sabendo do programa da FAPESP, pelo jornal da Unicamp, Cláudia me procurou”, acrescenta Maria Izabel, que a partir daí aceitou coordenar o projeto de reformulação do ensino de química naquela escola. O dinheiro liberado pela FAPESP foi investido na montagem do laboratório (o único) usado pelos

nado reivindicando mais aulas de química e pais de ex-alunos pediram vagas para que os filhos cursassem as séries novamente. A mesma pesquisa revelou que o objetivo da maioria dos que permanecem na escola é conseguir emprego ou maior valorização no trabalho. “O perfil dos nossos alunos não é o mesmo dos que estudam no centro da cidade, que querem prestar vestibular. Aqui a maioria trabalha de pedreiro, vigia, empacotador de supermercado e, antes de tudo, precisa ganhar o suficiente para comer e morar. Nossa função é treiná-los

turnas. Fazia demonstrações com recursos simples, como vela e copo, material muitas vezes levado por eles próprios. “Uma vez trouxeram caldo de cana e fermento de padaria e eu trouxe cloreto de amônia. É uma experiência que demora três dias, até que a mistura fermenta. Pode demonstrar a produção do etanol. Como não tínhamos pia, enquanto um aluno jogava água no condensador, com um balde, outro colhia o etanol num copo”, diz Cláudia. “Mas isso, obviamente não era o bastante. Não tinha nem onde lavar as mãos.”